

Florianópolis, 17 de junho de 2025

*Longa é a viagem
em busca do destino.
Ao regressar trarei pela mão gigante
um deus que se chama menino.*

É com esta epígrafe, senhora presidente, extraída da obra de Péricles Prade, que dou início ao meu discurso, cumprimentando a senhora e, em seu nome, os membros da mesa, os demais acadêmicos, os convidados desta noite e as autoridades aqui presentes.

É um instante de gratidão e orgulho. Gratidão pela confiança que esta casa deposita em meu nome e em meu trabalho de escritor; e orgulho pelo mesmo motivo, pelo privilégio de ser acolhido por um grupo tão estimado e especial, que tomou a peito a responsabilidade de levar avante o legado centenário da Academia Catarinense de Letras.

Meus mais sinceros agradecimentos, portanto, junto aos quais gostaria de consignar, neste ato solene, o compromisso que assumo com meus novos confrades e minhas novas confradeiras. Contem comigo para preservar, defender e projetar a Academia Catarinense de Letras rumo a um futuro que precisa, cada vez mais, de instituições que promovam o livro e o hábito da leitura.

Quisera eu que a descoberta de minha vocação para as letras fosse mítica e onírica como um conto de Péricles Prade. Pego-me imaginando — e já relatei o produto dessa imaginação em textos e conversas — que caminho sem muito propósito por uma vereda à beira da floresta. Ouço um chamado, vejo uma luz que se projeta por entre as árvores, sinto que devo segui-la e tomar conhecimento de sua essência antiquíssima.

De repente, envolto por uma neblina perfumada, estou diante de uma vestal de inigualável beleza, sentada num trono de mármore, vestida com os mais finos tecidos, todos diáfanos, e medindo-me com um olhar que mescla o mistério e a sedução.

“Você me quer?”, diz ela.

“Quero”, respondo sem pensar.

“Então seja bem-vindo. Entre comigo em meu palácio de prazeres inauditos. Juntos repousaremos no meu leito de delícias e blandícias, donde poderemos partir para as viagens jamais realizadas pelo comum dos mortais,

das quais voltaremos salvos e sãos para transmitir nossas descobertas ao mundo, aos que comungam de nossa lubricidade intelectual, através do mais alto e elaborado dos códigos humanos, que é a escrita.”

“Eu quero”, balbucio embasbacado. “Quero e quero.”

“Venha”, sorri a vestal, “mas preste atenção. Há um preço a pagar: eu vou transformar a sua vida num inferno.”

E é assim que seguro sua mão de porcelana e permito que me conduza pelos meandros de sua morada transcendental. Quem é ela? Tem um nome de todos aqui conhecido. Ela é a LITERATURA.

Infelizmente, ou felizmente, não foi dessa forma que travei contato com o mundo das letras. Foi de um modo mais prosaico, mais cotidiano, condicionado a uma série de coincidências que o tempo tornaria mais e mais frequentes. Li muito, levado que fui ao mundo da leitura por meus pais, Eliseu e Anilda, que sempre apontaram para mim e meus irmãos os caminhos da educação formal.

Quem lê muito há de sentir em algum momento a necessidade de também dar a sua contribuição através da escrita. É um ciclo natural, recebemos e doamos, mas só doamos com desapego aquilo que recebemos em abundância. Se leio muitas histórias, desejo escrever pelo menos uma, só uma, para começar, uma que talvez traga em seu âmago as características de todas as outras histórias que vieram antes. Tarefa impossível, daí o imperativo de uma segunda história, uma terceira, uma quarta, uma décima.

Alguém já disse que o escritor é um mentiroso profissional. Gosto da ideia, porque é de mentira em mentira, de história em história, que se faz uma obra. Mas não nos contentemos com esse alibi que nos autoriza à mentira recreativa. Por trás de cada mentira, isto é, de cada romance e de cada conto, existe uma verdade profunda e reveladora, tão reveladora e tão profunda, e tão incômoda em certos casos, que não pode ser dita de outra maneira.

É a terra fértil da literatura.

É por isso que ela existe.

É por isso que ela permanecerá.

No dia 3 de agosto de 1994, tive a minha primeira aula de literatura no Curso de Letras da FURB, em Blumenau, onde hoje sou professor. No

caminho para a faculdade, senti que meu coração disparava num ritmo desmedido para o momento. Era apenas mais uma aula, não era? O coração dizia que não. Nos porões da minha mente, ou melhor, na floresta de alegorias que todos trazemos dentro, eu não estava indo para uma aula. Estava entrando, isso sim, no palácio encantado da vestal.

De agora em diante estudaria literatura a sério, orientado por pessoas que dedicaram suas vidas à disciplina, fato que tornaria minhas leituras mais articuladas. Minha primeira professora na faculdade foi a saudosa Marita Sasse. A ela agradeço os ensinamentos e o estímulo, assim como a tantos outros que contribuíram com minha formação: Silvira Cordeiro, Miriam Saut, Ângela Leven, Olivo Pedron, Demerval Mafra, Osmar de Souza, José Ademir Pereira, José Endoença Martins, Otília Lizete Heinig e Zilair Zipf.

Da Furb passei à UFSC, onde cursei mestrado e doutorado, e onde fiz amizade com duas pessoas fundamentais em termos de aprendizado e incentivo: a professora Tânia Regina de Oliveira Ramos, minha terna e eterna orientadora, cujo nome representa todos os outros professores da pós-graduação em literatura, e o poeta Alcides Buss, então editor-chefe da Editora da UFSC, pela qual teve a generosidade de publicar o meu romance *O Filho do Feliciano*.

No mundo editorial, pois também me tornei editor, tenho uma dívida de gratidão com a acadêmica Urda Alice Klueger, de quem fui sócio na Editora Hemisfério Sul, pela qual publiquei alguns de meus livros. E faço também referência ao escritor Olsen Jr., autor do bondoso discurso de recepção, que em sua juventude criou e organizou a Editora da FURB, da qual, duas décadas mais tarde, eu assumiria o cargo de editor-chefe e lá permaneceria por quase 15 anos.

Durante todo esse tempo, tive o privilégio de colaborar com duas personalidades que muito me ensinaram: os reitores Eduardo Deschamps e João Natel, tão diferentes entre si, mas tão dedicados a seus propósitos e, fundamentalmente, tão democráticos — democráticos, parece um crime hoje em dia! — democráticos na condução da Universidade pública. Igualmente, não poderia deixar de lembrar a convivência com os outros professores do nosso sexagenário Curso de Letras, colegas sem dúvida inspiradores: Carla e Marta, Victor e Waldir, Thaís e Adriana. Todos vocês, de alguma forma, estão comigo neste momento.

Naturalmente, minha gratidão vai além dos nomes supracitados, que pouco é o espaço para tantos que me auxiliaram.

Falo agora da Cadeira 28, que tenho o contentamento de assumir na noite de hoje. É uma cadeira de jovens e longevos. Péricles Prade, por exemplo, tomou posse com pouco mais de 30 anos. Causou-me impressão saber que serei apenas o terceiro ocupante de uma vaga que, como a Academia em geral, supera um século de idade. Seu patrono é Lídio Martinho Barbosa. Seu fundador foi Luiz Osvaldo Ferreira de Mello, que a ocupou desde a organização inicial da Academia até 1970. Por razões que desconheço, a cadeira ficou vaga até 73, depois sendo ocupada por Péricles Prade até 2024, ano de seu passamento.

O patrono da cadeira, Lídio Martins Barbosa, natural de Biguaçu, foi um jornalista e político que viveu entre 1864 e 1913. Com o surgimento da República, tornou-se deputado da primeira legislatura na Assembleia de Santa Catarina, como suplente convocado pela mesa diretora. Coisa que espanta e comove, Lídio Martins Barbosa foi companheiro de Virgílio Várzea e de ninguém menos que o Dante Negro, João da Cruz e Sousa, na redação do jornal *A Tribuna*, de forte verniz abolicionista. Muito justa a homenagem dos primeiros acadêmicos ao invocar seu nome para os patronatos.

Já o primeiro ocupante da Cadeira, Luís Osvaldo Ferreira de Mello, mais conhecido como Osvaldo de Mello, que viveu em Florianópolis entre 1893 e 1970, exerceu as funções de jornalista e escritor, também tendo um pé bem plantado na Assembleia Legislativa, não como deputado eleito, mas como funcionário público de carreira. Chama atenção seu empenho em outra área aparentemente apartada das letras, mas só aparentemente: a difusão do espiritismo entre os catarinenses.

O pai de Osvaldo de Mello, convertido ao kardecismo depois de adulto, ilustrou o filho com uma das mais belas doutrinas a respeito da vida, da morte e da expectativa de superar esta última através da reencarnação e do aprimoramento espiritual progressivo. Ainda que — deixei — me subtraíssem esse conteúdo de esperança na busca de uma explicação primordial para os infinitos sentidos de nossa existência, levanto esse detalhe não apenas por respeitar a crença dos espíritas, assim como quaisquer outras crenças, mas também para destacar o conteúdo místico, no melhor sentido da palavra, que há de caracterizar os ocupantes, até agora, da Cadeira 28.

Digo isso como preâmbulo aos comentários que então faço sobre a vida e a obra de meu antecessor imediato.

Péricles Prade, Prade Péricles.

Três tristes tigres.

Bem parece um trava-língua, prenúncio desde a pia batismal de que longe iria o apego do escritor pela palavra bem posicionada no texto e pelos jogos de linguagem que dali podem advir. Conhecia e refletia sobre as tradições gnósticas mais antigas, incluindo a numerologia. Nasceu em Rio dos Cedros, em 1942, deixou-nos agora em 2024.

42-24.

Inversão numérica que certamente lhe causaria um meio sorriso de satisfação intelectual. Ou mais do que isso: causaria no sábio fabulador, como causa em cada um de nós, a dúvida sobre os poderes incontrolláveis da linguagem, de quaisquer linguagens, sistemas alucinantes de signos forçosamente simétricos que podem conter — seja isso uma metáfora ou não — a sombra inexpugnável do divino.

Eis o ponto a que quero chegar ao fim desta minha dissertação.

Péricles Prade foi professor de Finanças Públicas no Curso de Direito da Furb — e aqui me desculpem mais uma vez a propaganda que faço da minha universidade. Prodígio das Ciências Jurídicas, foi nomeado juiz federal, então o mais jovem do Brasil. Pesquisou e escreveu sobre temas pertinentes à vida pública, lecionou em muitas outras Universidades, incluindo a UFSC, integrou as principais academias e associações de sua área e atendeu a um chamado político relativamente tardio, assumindo o cargo de vice-prefeito desta nossa capital Florianópolis, entre 1997 e 2001, durante o mandato da senhora Ângela Amin.

Antes de entrar na seara da literatura propriamente, interesse principal desta academia, gostaria de externar minha admiração diante de tão brilhante trajetória profissional. Péricles Prade foi muitas coisas, mas foi e é sobretudo um exemplo para as novas gerações, para vocês, meus estimados estudantes, que então me ouvem por vias eletrônicas. Estudem, perseverem, não desanimem, sigam seus sonhos. Nada é mais poderoso do que a dedicação em face à justeza de um ideal.

O passo que agora daremos, senhoras e senhores, merece um rufar de tambores. É um passo acrobático, ginástico, destemido, que vai de uma persona pública exemplar, sempre de terno e gravata, para a persona igualmente pública, porém insólita, de um compositor de poemas ditos herméticos e contos no mínimo assombrosos. Como entender que o advogado, o professor, o crítico de arte, o juiz, o gestor municipal, o burocrata, enfim, como entender que ele pudesse se transformar, durante a calada de cada noite, no autor de uma obra tão arraigada de simbologias ancestrais?

O escritor Péricles Prade, ou melhor, o eu lírico e os narradores por ele criados, vestem a túnica do Eremita e a armadura daquele que tenteia os cavalos para levar o Carro a um bom destino. Esse eu lírico, esses narradores também possuem as quatro ferramentas do Mago, representadas pelos naipes do baralho, pelas estações do ano e pelo balanço rosáceo que equilibra Masculino e Feminino, além de serem portadores dos jarros da Temperança, que manipulam com destreza, e do chapéu de chocalhos do Louco que passeia à beira dos abismos e da imprudência.

Ali está uma poesia que desafia todas as convenções, que resgata arquétipos soterrados pela pressa furiosa da contemporaneidade e faz com que se misturem ao corriqueiro mais banal e mesquinho, sempre se revestindo de novos significados, que são, sim, herméticos, mas apenas num primeiro lance de vista. “Não sou um dos filhos de Egeu/ nem o sobrinho de Palas/ mas vejo sangue nos alvos de Creta.” Entender ou não entender, esta não é a questão. Sentir, sim. E resgatar através do Mistério o que temos escondido em nosso interior.

Indiretamente, pela poesia de Prade, e também por seus contos, que já veremos um, somos expostos a antigos modos de saber — a cabala, a alquimia, o magnetismo —, além de uma tentativa de decifrar fenômenos como a intuição, os sonhos, a catalepsia, a licantropia, os enfeitiçamentos, as possessões, os pactos de natureza maligna ou benigna, que são todos pactos com o jubiloso e desgraçado Amor, com maiúscula, que deve redundar na criação de um terceiro olho capaz de enxergar a beleza do mundo.

Os dogmas de Hermes Trismegisto, as experiências de Paracelso, os segredos de Cagliostro, as páginas mais inaceitáveis do *Malleus Maleficarum* e as controversas ideias de Mesmer, além da geometria esotérica, dos sentidos do tetragrama, do pentagrama, das estrelas mágicas e do triângulo dos pentáculos, tudo isso, digo com Cruz e Sousa, “vivo e nervoso e quente e forte, nos turbilhões quiméricos” de um sonho composto em capítulos, compõem a base de uma poética que, do não entendimento

aparente, nos convida aos entendimentos profundos oferecidos pelo maior dos poderes, o poder numinoso da linguagem.

E os contos?

O que dizer dos contos de Péricles Prade?

É certo que seguem a mesma essencialidade de sua poesia, mas aqui se descortina uma alegria e um ludismo que às vezes não temos a capacidade de decifrar nos versos.

Tomemos de exemplo um de meus textos favoritos, “A Dentadura”, publicado em 1972 no emblemático livro *Os Milagres do Cão Jerônimo*. Leio na bela edição da Editora da UFSC, publicada em 2013 e depois recomendada como leitura aos vestibulandos. Esta edição contém também os contos de *Alçapão para Gigantes*, publicado originalmente em 1980.

(Leitura de A Dentadura, pág. 21).

Que tipo de literatura é essa?

Em que modelos se baseia?

É evidente que aqui no Brasil devemos lembrar nomes como Murilo Rubião, José J. Veiga e Moacyr Scliar; é evidente que precisamos mencionar expressões como realismo fantástico, realismo mágico e realismo maravilhoso. Os contos de Péricles Prade, entretanto, são hostis a qualquer classificação. Inscrevem-se por certo numa tradição que modernamente tem seus fundamentos em Kafka, mas segue direções desconstruídas e originais. O teórico Tzvetan Todorov fez um belo inventário das variadas naturezas do insólito na literatura, um exercício formal que merece aplauso, mas ainda incapaz de criar rótulos para empacotar a prosa de Péricles Prade.

Em “A Dentadura”, por exemplo, temos o extraordinário e o surreal, mas de forma altamente peculiar. Vemos que o absurdo inesperado, com a tintura de um *cartoon*, invade a rotina de um personagem banguela, mas com essa dica de ludismo que nos lembra o universo infantil. A Dentadura, protagonista, poderia comer qualquer coisa, mas escolhe comer o bolo, um elemento concreto que nos lembra as doçuras de uma época que já se foi. Ao mesmo tempo, nada disso pode ser literatura nostálgica ou infantil, porque de repente, no passeio noturno que ela se atreve a fazer — uma fuga que parodia a luta de classes do velho realismo socialista —, o cenário se torna lúgubre e lúbrico.

Agora a Dentadura está no porto, na noite, na madrugada, espaços de perigo e de agressão, como a que ela pateticamente tenta evitar. É esmagada, rachada, quebrada, final trágico para nossa heroína, sensação de coisa errada nas retinas do leitor, de ousadia sem êxito. Felizmente, o humor é logo recuperado com a voz de prisão ouvida pelo pobre Senhor Pirandello – nome aparentemente inocente que é um totem das ascendências italianas do autor, tanto familiares quanto literárias.

Como ler um texto com tamanha especificidade?

Como interpretá-lo?

Ele vem de um universo particular, mas faz parte de todos os universos semânticos conjugados: o riso, o cotidiano, o dramático, o épico, o trágico. O quadro geral de estranhamentos nos leva para regiões interiores que, infiltradas, penetradas pelo consciente do aqui e agora, podem nos devolver a galhofa ou as lágrimas, o otimismo ou a tristeza, o consolo ou a revolta. E tudo isso num texto de 32 linhas.

Não é texto para leitura única. É texto para a cabeceira, que deve ser revisitado, escrutinado, comentado. Se um símbolo é o que é e não é ao mesmo tempo, se é uma face sorridente refletida num espelho de oposição melancólica, e se a obra de Péricles Prade é um manancial do qual jorram símbolos sem fim, então será prolífico o saudável diálogo interno que todo leitor mantém consigo mesmo.

O conto, o poema, a obra geral de Péricles Prade, é um provocador da percepção precoce ou tardia de que fomos envolvidos por aqueles poderes incontroláveis da linguagem a que há pouco me referi. Poderes que talvez sejam divinos, poderes que talvez sejam nefastos. Espernear para uma tentativa de libertação? Abaixar a cabeça e render-se? Vai depender de cada um.

Senhora presidente, membros da mesa, demais acadêmicos, agora confrades, confeitras, convidados, autoridades, agradeço mais uma vez a recepção nesta casa e igualmente agradeço a oportunidade de discorrer sobre uma obra que — meu compromisso — tratarei de comentar e divulgar enquanto for o ocupante da Cadeira 28.

Tenho dito.